

Editorial V8n2

Sofia Sampaio, Rui Lopes, Arlindo Horta, Jorge Palinhos e Catarina Laranjeiro

A imagem em movimento é um imenso e intenso campo de investigação, como o demonstra o elevado número de submissões que recebemos ao longo dos últimos seis meses. Comprometida com a integridade do trabalho que publica, a *Aniki* tem procurado seguir e disseminar as boas práticas de publicação definidas internacionalmente (por exemplo, pela COPE – Committee on Publication Ethics). É por essa razão que não aceitamos trabalhos que já foram parcial ou completamente publicados (sempre que o argumento principal ou os dados analisados não sejam inéditos), trabalhos submetidos simultaneamente a mais do que uma revista, ou trabalhos cujos autores não tenham participado *ativamente* em qualquer uma das fases da investigação ou da escrita. Ou seja, na linha dos códigos de conduta ética editorial a que estamos obrigados, rejeitamos a publicação redundante, a submissão simultânea e a autoria por convite ou oferta (também conhecida como *guest* ou *gift authorship*). Confiamos na integridade e na boa-fé dos nossos autores para que estes problemas possam ser evitados.

Este número apresenta uma pequena novidade. Como é sabido, a escrita académica é uma escrita intrinsecamente coletiva: enquanto autores é nosso dever conhecer – e referenciar – os principais autores que, antes de nós, escreveram sobre objetos, temáticas ou perspetivas que escolhemos abordar, com alguma centralidade, nos nossos textos. Porque há mais entidades ou pessoas que contribuem para os textos – para além das que escrevem os livros citados – introduzimos agora (como opção) uma secção final de ‘Agradecimentos’, para que os autores possam creditar, como merecem, esses outros contributos invisíveis. Aí, podem igualmente creditar o apoio financeiro que receberam de bolsas e projetos, dos quais depende tanta da investigação que hoje se faz nas nossas áreas.

Este segundo número editado por nós decorreu sob o signo da materialidade – tema do dossier organizado pelos editores convidados Caterina Cucinotta (Universidade Nova de Lisboa) e Federico Pierotti (Universidade de Florença), que nos trazem cinco ensaios inéditos sobre filmes bem conhecidos da crítica de cinema internacional e do público em geral. A partir destes contributos espontâneos, Cucinotta e Pierotti desenham um programa de estudos da materialidade no cinema português que se revela tão ambicioso quanto estimulante, cujos promissores frutos a *Aniki* se declara, desde já, interessada em acolher. A fotografia, datada de Setembro de 2012, que deu origem à composição da capa é da autoria de Caterina Cucinotta e capta um momento na rodagem de um filme no Hotel Estalagem da Pateira, em Fermentelos (Águeda).

A temática da materialidade transparece também (ainda que indiretamente) em textos publicados noutras secções deste número. Nos ‘Ensaio’, ela aparece, por exemplo, sob a forma dos territórios urbanos que servem de palco ao cinema brasileiro contemporâneo ou as crescentes capacidades técnicas para traduzir para o cinema a linguagem da banda desenhada. A análise das implicações políticas e comerciais das escolhas que informam a produção audiovisual estende-se ainda a obras como *Hiroshima mon amour*, de Alain Resnais, e ao chamado *slow cinema*, cujo posicionamento ético é discutido nos primeiros artigos desta secção.

As duas entrevistas que se publicam também remetem para as matérias de que são feitos os filmes, em dimensões absolutamente distintas. Na primeira, Frédéric Bonnaud, atual diretor da Cinemateca Francesa, discute de forma desassombrada o confronto contemporâneo entre a materialidade da película e a imaterialidade do digital enquanto suporte final da obra cinematográfica. Fá-lo, em particular, no contexto das grandes obras da história do cinema, que importa preservar mas também tornar acessíveis ao grande público. A entrevista a John Nutt, editor de som no contexto da produção industrializada de Hollywood, mostra-nos, por outro lado, como o som enquanto matéria criativa depende tanto das tecnologias que o trabalham quanto da criatividade dos profissionais que o manipulam, em especial do *sound designer* e do realizador. Lembra-nos igualmente que o digital (tal como, antes dele, os suportes analógicos) é uma caixa de ferramentas e não um fim em si mesmo. Cabe aos criadores do som cinematográfico decidir (criativamente) o que fazer com essas ferramentas – investigando,

experimentando, e evitando, como sublinha o sonoplasta americano, ‘ir longe demais’, que é como quem diz, torná-lo numa fórmula que acabará por interferir na fruição do filme.

Na secção ‘Recensões’ deste número, damos destaque a publicações recentes sobre cinema, especialmente sobre cinema português, como a obra *Reframing Portuguese Cinema in the 21st Century*. Mas também discutimos dimensões mais materiais do cinema, como as circunstâncias dos filmes de Pedro Costa, ou a relação entre arquitetura e cinema, bem como a análise de filmes e a dimensão sociopolítica destes.

A secção ‘Exposições e Festivais de Cinema’ foi particularmente abalada pela pandemia Covid-19. Os longos meses de confinamento perturbaram o normal funcionamento dos festivais de cinema e afastaram os visitantes das galerias e centros de arte. É emblemático que o único ensaio desta secção, alicerçado numa aliança entre a dança e o cinema, compreenda uma reflexão sobre corpos historicamente confinados. A chamada de trabalhos (de cariz permanente) que recentemente lançámos para esta secção pretende chamar a atenção para a necessidade de manter uma escrita crítica sobre este tipo de eventos, que, em formato digital ou presencial, ocupam um lugar de relevo na nossa vida em sociedade.

Ao longo destes seis meses, a *Aniki* implementou algumas alterações ao nível do trabalho editorial, com destaque para o reforço na revisão profissional de textos, nas três línguas em que publicamos (português, inglês e espanhol). A alteração mais importante foi, sem qualquer dúvida, a chegada do novo assistente editorial, o João Rebelo, que produziu a totalidade deste número, desde as provas (e sua correção) até à atribuição do DOI a cada artigo e ao seu lançamento em linha. Esperamos, nos próximos números, continuar este trabalho de apuramento das diversas fases do fluxo editorial, que visa, acima de tudo, garantir a qualidade dos textos que editamos.